

A INSERÇÃO DE CRECHES NAS UNIVERSIDADES

Lisiane Lemes da Silva¹
Claudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa consiste num estudo para aprofundar o conhecimento acerca das mulheres que desistem ou trancam a faculdade, pelo nascimento de um filho e também a dificuldade que elas encontram para conciliar a maternidade com os estudos no período de aula. Será visto neste trabalho a importância de se ter creches em universidades, e o agregado que elas teriam para estudantes de diversos cursos como campo de estágio. Também será visto a evolução da mulher trabalhadora e seu processo para a contemporaneidade, como ela ganhou forças e conquistou seu espaço, tanto no mercado de trabalho, quanto nos estudos. Pretendeu-se discutir, sobre aspectos importantes como o vínculo entre mãe/bebê e todos os aspectos relacionados através da maternidade, como essas relações construídas entre a mãe e a criança são importantes para o desenvolvimento saudável da mesma. O trabalho apresentado se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa.

Palavras-chave: Creche universitária, Vínculo, Mulher, Estudante.

THE INSERTION OF NURSERIES IN UNIVERSITIES

ABSTRACT

The present research work is a study on the dissemination of knowledge on the dissemination of issues related to education, education and education, as well as the difficulty. Works of education for health and health, education and health. In addition, it is seen as a work package for the industry, as it has gained strength and conquered its space, both in the job market and in studies. It was intended to discuss about important aspects such as the bond between mother /baby and all related issues through motherhood, how these relationships built between a mother and a child are important for development and the same company. The work is characterized as a qualitative research.

Keywords: University Day care, Bond, Student, Woman.

¹ Acadêmica da 9ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

INTRODUÇÃO

Se existisse creches em universidades para as estudantes deixarem seus filhos enquanto estudam, teriam mais mães voltando a estudar? Ou será que esse deixaria de ser um dos motivos por trancarem a faculdade? O presente trabalho teve por objetivo, levantar um estudo sobre a prevalência de creches em universidades.

Segundo Haddad (1990) *apud* Raupp (2004), a década de 1970 caracterizou-se pela eclosão de vários movimentos sociais, e, em alguns lugares, a creche representou forte apelo, passando a ser reivindicada como um direito das mulheres trabalhadoras (p. 30-31). Essa reivindicação da mulher trabalhadora decorreu do aumento da sua inserção no mercado de trabalho, a partir de transformações na sociedade, como a expansão industrial, o crescimento das cidades e as modificações na organização e estrutura da família contemporânea, uma luta determinada por razões concretas, ou seja, pela necessidade de ter um local onde pudessem deixar seus filhos para aumentar a renda familiar por meio do trabalho remunerado.

Durante a pesquisa do presente trabalho, deparei-me com a dificuldade para encontrar estudos sobre creche universitária, e as poucas referências que foram encontradas, falava sobre as universidades federais. Porém autores como Raupp 2004, foram fundamentais para embasamento desse trabalho. Neste sentido, o tema norteador deste artigo refere-se à importância da inserção de creches nas universidades, como meio facilitador para mulheres manter-se e iniciar o ensino superior sem sofrer danos emocionais.

Para Winnicott (2000), ninguém melhor que uma mãe que possa ter vivido com seu bebê o estado de preocupação materna primária para melhor desempenhar a função materna. A questão na atualidade dá-se no sentido de estar sendo possível ou não, para as mães, este contato com o bebê em sua fase bem inicial de vida, quando a mulher se depara ora com outros desejos e facetas de realização, como o trabalho ou estudo, ora com a necessidade de trabalhar para suprir economicamente a família, ora como estudante para se desenvolver intelectualmente.

Cabe aqui informar, que o conflito trabalho/estudo e cuidados com os filhos não está situado apenas na relação mãe-bebê, aparecendo também no desejo da mãe de maior contato e um conflito por estar ausente devido ao trabalho ou ao estudo. O que se destaca neste estudo, é o contato mãe-bebê interrompido cada dia mais cedo.

Uma das formas encontradas na atualidade de manter e de conciliar trabalho, estudo e função materna é a colaboração da família parental que acaba participando nos cuidados com as crianças que ficam com os avós ou tias para que os pais possam trabalhar ou estudar. Nos casos em que os familiares não podem fazê-lo há a busca de babás e escolas maternais, como

uma busca de manter e estender os cuidados maternos. Porém, se a mãe tem que estudar a noite, esta situação se complica ainda mais, considerado que já permanece ausente, devido ao trabalho, durante o dia.

Diante do ambiente em que convivemos, é comum nos depararmos com mulheres que engravidam e precisam parar os estudos, ou adiar o sonho de ter um diploma para mais tarde, pelo fato de serem mãe e não terem com quem deixarem seus filhos para poder estudar, ou até mesmo, mulheres que ainda não iniciaram por esse mesmo motivo. Com creches nas Universidades esse problema acabaria e assim daria mais opções para que mais uma parte da sociedade pudesse ter um ensino superior.

Creches em Universidades seria um benefício, tanto para as mães, como para o Ensino que ganharia mais acadêmicos, e também para os próprios estudantes que teriam um campo a mais de estágio, podendo assim desenvolver projetos de pesquisas em cima disso, e utilizando de técnicas que aprendem em sala de aula, dando uma qualidade a mais em seus respectivos cursos, como por exemplo, psicologia, pedagogia, enfermagem, nutrição, educação física, fisioterapia, odontologia entre outros.

Sebastiani (1996, p. 70), por exemplo, considera que ser campo de pesquisa constitui um fator de qualidade da área da educação infantil:

A creche, por ser uma instituição relativamente recente, ainda necessita de informações e de aprofundamento. Mas podemos dizer que é uma instituição que produz cultura e que se constitui em um campo privilegiado de pesquisa para estudiosos das ciências sociais e, em especial, do desenvolvimento infantil. É essa inter-relação das ciências que permite o enriquecimento e a melhoria dos serviços, uma vez que é capaz de fornecer instrumentos de análise e pontos de referência para a inovação e a avaliação das estruturas e da organização dos trabalhos da creche.

Essa pesquisa torna-se importante, porque a luta por creches em universidades já é uma reivindicação antiga, e mesmo assim, são poucas as universidades que aderiram, por esse motivo pretendo fazer uma pesquisa quantitativa, para poder levantar dados e poder falar com mais propriedade sobre a importância que tem creches nas universidades, tendo assim, a maior compreensão de todos.

Foi partindo desse olhar, e por conhecer muitas mulheres que trancaram, desistiram ou nem iniciaram a faculdade, que fez com que eu me interessasse pelo assunto e decidisse pesquisar. Portanto, antes de adentrar no tema creches na universidade, tona-se relevante trazer um pouco daquilo que embasa este estudo, ou seja, a função a materna, pois é nela que nos debruçaremos para demonstrar o porquê da relevância deste tema.

Ao falar então de função materna, gostaria de iniciar com o comentário de Soifer (1992, p. 12) no prólogo de seu livro onde ela diz sobre o direito sagrado à condição maternal.

[...] que define a condição maternal como direito sagrado da mulher. É direito sagrado enquanto houver mulheres dispostas a extrair do mais profundo de si mesmas essa força maravilhosa que lhes permite tolerar as tremendas ansiedades da gestação e do parto e percorrer o longo e afanoso caminho da função maternal. São mulheres que mal se lhes oferece a oportunidade, seja qual sua condição cultural, social ou econômica, acorrem a receber o ensinamento e ao apoio necessário ao melhor desempenho de sua tarefa. Também é direito sagrado enquanto continuarem existindo homens que se coloquem solidariamente ao lado de suas esposas, ombro a ombro, companheiros, para colaborar com elas no percurso do caminho que empreenderam juntos.

Soifer (1992) ao mencionar o direito à função materna reflete o conflito vivido cada vez mais intensamente pelos pais na sociedade atual entre suas várias exigências e o desejo por gerar e criar filhos. Estes conflitos podem interferir na possibilidade dos pais de entrarem em contato com seus desejos relacionados a procriação. Aspecto importante a ser mencionado diante das exigências do mundo atual relacionadas às demandas do mercado de trabalho, bem como para aquelas mães que precisam estudar. Além das cobranças relacionadas a exigências de uma estética feminina que parecem desconsiderar o aspecto da interioridade no momento da gestação.

Além disto, há, também, demandas de trabalho, pelas quais cada dia mais as mulheres parecem-me, têm abdicado do desejo de ter filhos, ou adiado este direito, para cumprir tais exigências. Angústias ligadas a estas questões são, muitas vezes, mencionadas na clínica, na busca de uma compreensão e auxílio, no sentido de poder ajudar homens e mulheres a fazer escolhas e assumir as consequências de tais escolhas. A minha reflexão aqui é seriam estes os sintomas de uma sociedade que não permite as mulheres se dar conta dos desejos ligados à parentalidade e poderem vivenciá-los de forma ampla?

Winnicott (1999) também nos diz sobre as expectativas e desejos dos pais em relação à criança como aspectos importantes para um bom desenvolvimento desta. A função materna e paterna parece ser necessária, bem mesmo antes do nascimento do bebê, através do desejo no qual o casal insere o filho. O desejo de se ter um filho pode ser adiado frente às necessidades do mundo moderno.

Lebovici (2004) traz-nos um dado da atualidade, no qual o fato de se decidir o número de filhos (cada vez mais reduzido) e quando tê-los torna as exigências relacionadas aos filhos cada vez maiores. O sentido dado pelo autor refere-se ao fato de que ao terem filhos mais tardiamente, ou em menor número, aos filhos recai a sobrecarga dos desejos dos pais. Fato que

leva a maiores expectativas relacionadas aos filhos e ao aumento de idealizações por parte dos pais. A angústia muitas vezes gerada com a maternidade transcende o desejo da mãe em ter filhos, mas o que será deste ao longo de seu desenvolvimento.

Com o cuidado que ele recebe de sua mãe cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a construir o que pode ser chamado de continuidade do ser. Na base dessa continuidade do ser o potencial herdado se desenvolve gradualmente no indivíduo lactente. Se o cuidado materno não é suficientemente bom então o lactente não vem a existir, uma vez que não se dá continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio. (WINNICOTT, 1990, p. 53)

Fato importante a ser observado na realidade atual de muitas mulheres, da qual ocorrem exigências à saciação imediata das demandas da sexualidade, e mulheres, ainda, se sentem rapidamente cobradas pelos maridos e por demandas sociais a retomar ao estado de “mulher fêmea” enquanto ainda estão voltadas para o estado “mulher mãe”. Como cada casal lida com este aspecto é um dado importante para o estabelecimento inicial da função materna e da função paterna.

As cobranças em relação a mulher são muitas, ela tem que se manter mãe, mulher, esposa, trabalhadora. Observam-se na sociedade atual muitas mudanças relacionadas à interação familiar e da díade mãe-filho. No modelo tradicional de funcionamento familiar, o pai era o provedor e a mãe deveria responsabilizar-se pelos cuidados da casa e dos filhos, permanecendo junto deles a maior parte do tempo. Na atualidade, há tendência a um novo modo de funcionamento familiar no qual o pai e a mãe não se constituem as figuras que mais tempo ficam com os filhos. Em função de a mãe trabalhar fora de casa, das divisões de funções dentro de casa e da organização de cada família, as crianças tendem a ir às escolas ou creches logo nos primeiros meses de suas vidas. Nesses ambientes, seus parceiros são em sua maioria crianças da mesma idade. Diferentemente de outras épocas, era a mãe quem apresentava o mundo à criança e que sempre estava presente alicerçando seu desenvolvimento físico, intelectual e afetivo.

Por outro lado, é importante que a sociedade, as mães e as famílias reflitam sobre os cuidados atualmente dispensados às crianças especialmente no que diz respeito à elaboração de estratégias institucionais visando a oferta de melhores condições de trabalho e de proteção à mãe trabalhadora. Conforme destaca Schirmer (1997), é necessário que se encontrem soluções para viabilizar a permanência da mulher no mercado de trabalho, porém, diminuir os custos da conciliação entre a maternidade e a vida profissional.

Mas temos que considerar que para a mulher se manter no mundo do trabalho, ela necessita estar preparada para este lugar. O mercado é competitivo e a mulher tem que se especializar para sua própria sobrevivência. No mundo atual a mulher precisa não somente trabalhar, mas estudar, para garantir sua estabilidade social, financeira e realização pessoal. A dificuldade, que neste estudo é relevante, é que durante o dia a mulher encontra subsídio para sair de casa para trabalhar, pois existem, escolas, creches, educandários. A problemática apresentada, é que durante o período noturno ela não tem, por muitas vezes, onde deixar seu filho para estudar. O que acarreta muitas vezes na dificuldade em entrar numa universidade ou se manter nela. Frente ao exposto vala ressaltar: Frente ao tema que foi abordado, creches nas universidades fariam com que mais mulher concluísse o ensino superior?

Para responder a estes questionamentos, os objetivos deste estudo permeiam um mote de considerações que perpassam por demonstrar a importância da inclusão de creches nas universidades como forma de inclusão e manutenção de mulheres no ensino superior, bem como, apresentar a importância da inserção de creches nas universidades; analisar a correlação entre evasão da universidade e maternidade; pesquisar se a creche é relevante para manutenção das mulheres na universidade e analisar os aspectos emocionais de mulheres que abandonaram a universidade devido ao nascimento dos filhos e por não ter onde e com quem deixar seus filhos.

Diante destas possibilidades de indagações, vamos apresentar uma discussão mediante entrevistas com mulheres que apresentam o perfil, para tanto a metodologia adotada neste estudo, possibilita ao leitor compreender a real situação destas mulheres.

METODOLOGIA

Entende-se por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Lênin (1965, p. 148 *apud* Minayo, 2001, p. 16) afirma que "o método é a alma da teoria", distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. Já para Minayo (2001, p. 22) A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador. Pois para a autora:

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, interminavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática.

Este estudo tem como abordagem a pesquisa qualitativa, que de acordo com Minayo (2001, p. 23), responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Minayo (2008) destaca ainda, que na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada. Para a referida autora, a objetivação contribui para afastar a incursão excessiva de juízos de valor na pesquisa: são os métodos e técnicas adequados que permitem a produção de conhecimento aceitável e reconhecido.

Para este estudo foi utilizado pesquisa de campo. De acordo com Marconi e Lakatos (2009), a pesquisa de campo caracteriza-se como aquela que objetiva conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes para analisá-los. Outros autores apresentam a mesma forma de pesquisa sob outros enfoques, sendo alguns também semelhantes.

Para Gil (2002), o estudo de campo procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população conforme determinadas variáveis, estudando/focalizando um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social. Nessa pesquisa, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente (experiência direta com a situação em estudo).

Em relação às fases da pesquisa de campo, Marconi e Lakatos (2009) apresentam as etapas seguintes. Em primeiro lugar, deve-se realizar uma pesquisa bibliográfica do tema a ser estudado, o que permitirá ao pesquisador estabelecer um modelo teórico inicial de referência e o auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa. Neste processo foi realizado o estado da arte, onde foram utilizados:

Posteriormente, de acordo com a natureza da pesquisa, deve-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões e por último, anteriormente às coletas de dados, é preciso estabelecer tanto as técnicas de registro desses dados como as técnicas que serão utilizadas em sua análise posterior.

Para tanto, foram participantes da pesquisa, dez mulheres jovens entre 19 a 30 anos de idade que passaram pelo processo gestacional durante a graduação, na cidade de Lages-SC. Estas participantes foram entrevistadas afim de investigar como ficará sua situação, frente aos estudos, após o nascimento de seus bebês.

Para a coleta dos dados foi utilizada a entrevista. Sendo que, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. (MINAYO, 2008). A entrevista é uma oportunidade de conversa face a face, utilizada para “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, ou seja, ela fornece dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais específicos. (MINAYO, 2008; CERVO; BERVIAN, 2007)

Para este estudo optou-se por entrevista semiestruturada. As entrevistas semiestruturadas podem ser definidas como uma lista das informações que se deseja de cada entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado. Geralmente, as entrevistas semiestruturadas baseiam-se em um roteiro constituído de “[...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.188).

As entrevistas serão realizadas de acordo com o horário e local determinado pelo grupo amostral selecionado. O contato e agendamento será realizado com antecedência para que a pesquisa ocorra com tranquilidade. Posteriormente ao agendamento, ocorrerá o encontro para a coleta de dados através da entrevista semiestruturada. Antes de se iniciar a entrevistas será colocado a importância da pesquisa e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Para análise dos dados foi realizada a análise de conteúdo, pois para Bardin (2009), a análise de conteúdo temática deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos: (1) a pré-análise; (2) a exploração do material; e, por fim, (3) a tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Para a referida autora, na fase da pré-análise estabelece-se uma organização do

material, a partir da escolha de documentos/informações relevantes, permitindo-se uma “leitura flutuante” do material até que a decisão sobre quais informações devem ser consideradas na análise fique mais clara.

Para a realização da análise de conteúdo, vale destacar a visão de Bardin, que observa que nesta fase não se pode abrir mão de algumas regras específicas.

- A “regra da exaustividade” (todos os elementos relevantes devem estar presentes no material);
- A “regra da representatividade” (o conjunto de elementos escolhidos para análise devem ser representativos do universo inicial de dados);
- A “regra da homogeneidade” (o material selecionado deve se ater aos tópicos ou variáveis a serem analisados, deixando para trás as suas singularidades que fogem deste universo);
- A “regra da pertinência” (o material a ser analisado deve ser pertinente aos objetivos do trabalho).

Para dar andamento ao tratamento dos dados, na fase da exploração do material, Bardin (2009) ressalta que a análise do material exige sua codificação, ou seja, sua transformação de dados brutos dos textos por recortes, agregação ou enumeração, até que sua codificação atinja a representação do conteúdo ou sua expressão. Para codificação, pode-se usar palavras, temas, contextos, relações, personagens, etc., até se chegar à categorização dos mesmos.

Sugere-se aqui utilizar a modalidade temática, que enfatiza o “tema”, como meio de categorizar os dados fornecidos nas entrevistas.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e em seguida por reagrupamento segundo o gênero (analogia) com os critérios previamente estabelecidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um conjunto de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento este efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (por exemplo, todos os temas que significam ansiedade ficam agrupados na categoria ansiedade [...], sintático (os verbos e os adjetivos), léxico (classificação de palavras segundo seu sentido [...]) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). (BARDIN, 2009, p.117)

Para se chegar na fase três, do tratamento dos resultados, será realizado as interpretações dos dados a partir da teoria escolhida. Como já foi abordado, essa interpretação pode fazer uso das análises qualitativas.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Identificação das entrevistadas

ENTREVISTADA 1	27 anos	Psicologia/10 fase	Com a filha e a mãe
ENTREVISTADA 2	19 anos	Administração/1 fase	Namorado e filho
ENTREVISTADA 3	27 anos	Educação Física/trancada	Com a filha
ENTREVISTADA 4	20 anos	Psicologia/8 fase	Marido, sogros, cunhada
ENTREVISTADA 5	23 anos	Psicologia/10 fase	Filho e pais
ENTREVISTADA 6	21 anos	Odontologia/8 fase	Filho
ENTREVISTADA 7	23 anos	Direito/8 fase	Marido, pais e filha
ENTREVISTADA 8	25 anos	Medicina Veterinária/10 fase	Marido e filho
ENTREVISTADA 9	20 anos	Psicologia/8 fase	Marido, pais e filho
ENTREVISTADA 10	30 anos	Psicologia/9 fase	Marido e filhos

Para apresentação dos dados analisados dividimos este estudo em cinco categorias

Planejamento familiar (gravidez foi planejada)

Quanto ao planejamento, as respostas obtidas foram unânimes, todas explicitaram que não planejaram a gravidez. Diante das respostas, vale ressaltar as falas de algumas das entrevistadas:

Entrevistada 1: A gravidez não foi planejada. **Entrevistada 5:** Não, foi uma falha no anticoncepcional. **Entrevistada 8:** Não, foi um susto, descobri que estava grávida em plena 5ª fase do curso. **Entrevistada 10:** Não, foi um susto quando descobri.

Segundo Prietsch et al (2011) gravidez não planejada é toda a gestação que não foi pelo casal ou pelo menos pela mulher. Por ser indesejada, muitas vezes atrapalha os planos, ou rotina do casal/mulher. Embora ainda seja pouco estudada a gravidez não planejada representa um risco aumentado de depressão e ansiedade. A principal causa de gravidez indesejada, dentro de uma visão sociocultural laica, é o baixo índice de utilização de métodos contraceptivos.

Ainda segundo o autor, foi constatado que pelo menos 80 milhões de mulheres em todo o mundo tem uma gravidez não planejada, e esse número que vem crescendo nas últimas décadas. E em consequência disso, o número de aborto é cada vez maior. Essa situação é bastante relevante na América do Sul, onde o número de procedimentos abortivos clandestinos está próximo dos quatro milhões por ano.

Continuidade dos estudos após gestação

Seis entrevistas entre as dez, afirmaram que com a chegada do filho, não foi possível continuar os estudos, e tiveram que trancar por um tempo até que conseguissem conciliar a chegada do filho com a faculdade. Segue abaixo o relato das entrevistadas:

Entrevistada 1: Ao descobrir sobre a gestação tranquei a faculdade por 3 anos. **Entrevistada 2:** Tive que trancar, mas pretendo voltar no segundo semestre de 2018, com o processo mais lento do que antes, mas sem planos de parar. **Entrevistada 3:** Tranquei por um tempo, e agora faço aulas EAD. **Entrevistada 5:** Tive que trancar, retornei após um ano, deixando meu filho aos cuidados dos meus pais. **Entrevistada 7:** Por não ter com quem deixar, precisei trancar a faculdade. **Entrevistada 10:** Tive que trancar, até meu filho ter idade para ir para creche.

A dificuldade de ter com que deixar seus filhos é a realidade de muitas mulheres brasileiras, Costa (2008) *apud* Veloso et al (2012) afirma, as mães universitárias sofrem por sua maternidade durante a graduação e muitas vezes acabam atrasando ou até mesmo paralisando o curso para poderem cuidar de seus filhos, principalmente pelo fato de não terem onde deixá-los.

Em uma pesquisa da Andifes (2011), 57,5% das vagas nas instituições de ensino superior federal, é ocupado por mulheres, sendo que 68% do trancamento da matrícula ocorre por licença maternidade. Isso ocorre por falta de políticas afirmativas de assistência as estudantes, pois por mais que muitas universidades tenham creches, o número de vagas não é o suficiente para a demanda. (FOGLIATTO 2016).

Segundo Lima (2007) *apud* Veloso et al (2012) fez um estudo com universitárias que tiveram filhos durante o período acadêmico, e nos relatos observou diversos aspectos, sobre a dificuldade de conciliar a chegada da criança com os estudos e até mesmo que as maiores tiveram que paralisar o curso com o intuito de voltar depois, se conseguissem ajuda de algum familiar para os cuidados com o filho enquanto as demais estivessem na universidade.

Conforme Costa (2008) afirma em seu artigo, as mães universitárias sofrem durante a graduação por não ter onde deixar seus filhos, aonde muitas vezes acabam atrasando ou até mesmo paralisando o curso, para assim poder cuidar dos seus filhos.

As entrevistadas 4 e 6 ainda estão em período de gestação, porem pretendem não trancar e a entrevistada 8 e 9 relatam como conseguiram continuar os estudos:

Entrevistada 4: Pretendo continuar estudando, quando meu filho nascer deixarei aos cuidados da minha sogra. **Entrevistada 6:** Meu filho nasce semana que vem, ainda não sei como ficará minha situação, pois meus pais moram em outra cidade e meu

namorado também. Ainda é incerto, mas pretendo continuar os estudos e contratar uma babá. **Entrevistada 8:** Foi um tanto difícil, pois ele nasceu final de maio e no início de agosto eu tive que voltar para faculdade para não perder as aulas práticas. Eu tinha aula prática a tarde nas quartas e quintas, e de manhã nas terças, sem contar as aulas a noite todos os dias. Precisava esgotar o leite para deixar para o bebê e as vezes não dava para deixar muito, aí saía no meio da aula e ia no carro dar de mama e voltava. Para estudar para as provas, aproveitava a madrugada enquanto ele dormia. Agora na última fase, tive que ficar 45 dias longe dele fazendo meu estágio final, foi difícil para mim e para meu filho, mas foi necessário. Acredito que tudo isso se foi possível graças ao apoio do meu marido, que era quem cuidava do bebê enquanto eu ia para a aula. **Entrevistada 9:** Continuo o estudo em casa, pois tenho direito a licença maternidade.

Diante destes avanços, cada vez mais mulheres abdicam ou são levadas a abdicarem do lar, do contato mais frequente com os filhos e até mesmo com a maternidade, em função das exigências relativas à necessidade de trabalhar e às aspirações e desejos pela realização pessoal através do trabalho ou dos estudos. Nos dias atuais, uma série de atividades pertinentes às funções materna e paterna, são atribuídas a terceiros, como: professores, babás, médicos psicólogos, etc. Ou ainda à parentes mais próximos como os avós paternos e maternos. A cada dia, mais cedo, mães se veem diante da necessidade de colocar seus filhos em escolas “maternais”, berçários e creches, ou contratar babás, para que possam exercer suas atividades fora do lar. Como consequência, crianças e mães têm vivenciado uma interrupção em seu contato mais íntimo, numa fase importante de desenvolvimento da criança, que demandaria de acordo com estudos psicanalíticos um período de dedicação mais intenso (WINNICOTT, 2000).

Para Dolto (1996), a grande evolução da mulher quanto ao trabalho e ao estudo e autonomia enquanto sujeito da atuante na construção de sua história, parece desenvolver, na contramão, um sentimento de culpa nas mulheres. Sentimento este gerado pelo fato de não poderem seguir o modelo materno de milênios, advindo provavelmente de modelos míticos de mãe e se manifestam na forma de sintomas psicossomáticos, depressões e outros. No modelo mítico de mãe, para Dolto (1996), ela é a única encarregada das tarefas educacionais e este, não leva em conta o papel das crianças, do pai e a relação de cada mulher-mãe com seu parceiro.

Contudo, não tem como ser diferente, a mulher na contemporaneidade, necessita estar inserida no mercado de trabalho e também tem que se aperfeiçoar cognitivamente. Para tanto necessita estar inserida no meio acadêmico e por conta disso, precisa do apoio da família para cuidar do bebê nesse período em que ela se encontra em sala de aula.

Importância da creche na universidade

Sobre se ter creches nas universidades, todas foram unânimes em suas respostas, afirmando a importância e como isso as beneficiaria, abaixo teremos os relatos e suas opiniões:

Entrevistada 1: Facilitaria, já que inúmeras vezes eu falto a aula por não ter com quem deixar minha filha. **Entrevistada 2:** É de grande importância, visto que precisamos de profissionais qualificados e famílias satisfeitas. **Entrevistada 3:** É importante para muitas mães poderem estudar. **Entrevistada 4:** Seria viável, principalmente para as mães solteiras. Pois saberiam aonde seu filho está e que ele está próximo, e assim até estudaria melhor. **Entrevistada 5:** Para mim, isso faria com que não houvesse o rompimento dos estudos, pois meu filho sempre teria os cuidados necessários e seria mais fácil se adaptar as mudanças de uma gravidez, seria mais fácil para conciliar estudo e maternidade e posteriormente estaria mais preparada para o mercado de trabalho, onde conseqüentemente poderia oferecer melhores condições de vida para minha família. **Entrevistada 6:** Seria muito importante, assim poderia deixar meu filho sem me preocupar, e poderia estudar tranquilamente. **Entrevistada 7:** É de suma importância, para que as universitárias não abandonem os estudos, seria um incentivo a continuar os estudos. **Entrevistada 8:** Acho que auxiliaria muito as mulheres que engravidam durante a faculdade a terminar seus cursos, pois uma grande maioria precisa trancar o curso porque não tem quem cuide da criança, ou até mesmo por insegurança de ficar longe. Facilitaria também para as mães que querem fazer faculdade, mas não tem quem cuide dos filhos. **Entrevistada 9:** Para as mães que vão estudar e querem concluir a faculdade e não tem com quem deixar o filho ou até mesmo para ficar mais perto do filho seria de grande valia ter creche na faculdade. **Entrevistada 10:** Seria uma bênção e uma oportunidade de concluir meu curso. Seria também uma oportunidade as mulheres gestantes de continuar com seus planos e sonhos. Dando a elas a chance de ter uma formação, assim tendo a chance de um futuro melhor.

Raupp (2004) afirma que a creche, por ser uma instituição relativamente recente, ainda necessita de informações e de aprofundamento. Mas sem dúvidas é uma instituição de cultura e que enriquece e constitui um campo de pesquisa sobre o desenvolvimento. Essa inter-relação das ciências permite melhorias do serviço, pois é capaz de fornecer instrumentos de análises e pontos de referência para a inovação e a avaliação das estruturas e da organização dos trabalhos da creche.

Oliveira (2002) apud Lopes (2014) cita:

Não são mais os pais, apenas, que têm direito a uma instituição de educação infantil para seus filhos, gerando um atendimento com vistas a substituí-los enquanto estão trabalhando. A criança passa a ter direito a uma educação que vá ‘além’ da educação recebida na família e na comunidade, tanto no que diz respeito profundidade de conteúdo, quanto na sua abrangência. Por outro lado, a educação, em complemento à ação da família, cria a necessidade de que haja uma articulação entre família, escola e a própria comunidade na construção do projeto pedagógico da creche ou pré-escola. (OLIVEIRA, 2002, P. 36, 37 apud Lopes, 2014, p. 25)

Tal citação é fundamental para entender as tensões e lutas que as creches universitárias vêm enfrentando diante do debate acerca do lugar que ocupa na universidade onde está inserida. Se esse espaço surgiu para atender as lutas das mães, que almejavam um lugar para deixar seus filhos, posteriormente a discussão foi acerca do atendimento nestas

unidades, pois se era gerido com verbas públicas, toda criança teria direito a usufruir do espaço. (LOPES, 2014).

Segundo Raupp (2004), inúmeras áreas que buscam unidade de educação infantil como um campo de estágio iriam se beneficiar com a creche na universidade, como psicologia, odontologia, fonoaudiologia, educação física, enfermagem, nutrição, fisioterapia, medicina, entre outras, e não apenas a pedagogia.

Além disso Nasio (1995) *apud* Barbosa (2015) afirma que é importante que a mãe não se ausente por um período que ultrapasse a capacidade da criança de duvidar de sua existência. Pois o sentimento de falta de sobrevivência da mãe pelo filho nesta fase, pode desenvolver “doenças da pulsão agressiva”, como a tendência por paranoia, depressão, hipocondria e a psicose maníaco-depressiva.

Dessa forma, creche na universidade faria com que mãe/filho mantivessem perto um do outro, sem que precisasse interromper esse vínculo por determinadas horas.

Investimento para ter o filho mais perto

Foi perguntado as mães, qual seria o valor que elas dispunham a pagar, para ter seu filho próximo, na creche universitária. As respostas mostram as diferenças de classe social que existe, havendo valores a partir de R\$100,00 reais, chegando até o valor de R\$800,00, mas todas afirmaram que pagariam se houvesse, abaixo podemos conferir:

Entrevistada 1: Depende de quantos dias eu necessitasse, mas creio que até R\$ 400,00 reais. **Entrevistada 2:** Uma mãe que se dispõe a cursar a faculdade automaticamente já tem uma despesa maior, até R\$ 200,00 reais seria um ótimo valor mensal, com reajustes conforme a carga horaria acadêmica da mãe. **Entrevistada 3:** Em torno de R\$ 100,00 reais. **Entrevistada 4:** Até R\$ 200,00 reais. **Entrevistada 5:** Até uns R\$ 300,00 reais, pois esse seria um valor que seria viável, porém dependendo da necessidade e para prosseguir com os estudos poderia pensar em pagar um valor maior. **Entrevistada 6:** Como faço estágio durante o dia e estudo a noite, meu filho ficaria em tempo integral, então até R\$ 800,00 acredito ser um preço justo. **Entrevistada 7:** Sendo estudante, mãe e não tendo uma renda razoável, o interessante era ter uma creche gratuita, mas se fosse necessário pagar, o valor até R\$ 450,00 seria o ideal. **Entrevistada 8:** Teria que ser um valor razoável, pois sabe-se que a vida de universitário é difícil, e não ter condições de pagar alguém para cuidar do filho também é motivo de algumas mães trancarem os cursos. Meio salário mínimo seria justo, dependendo de quantos períodos a criança ficará na creche e também poderia ter bolsas para as mães que não tem condições e aquelas que também dependem de bolsa para estudar, como fies, prouni, etc. **Entrevistada 9:** Depende. Como muitas mães já pagam a faculdade, teria que ser um valor acessível e como é no período de aula e são poucas horas. Um valor de até R\$ 100,00 reais mensalmente ou pagar taxa de matrícula e pagar um valor menor por dia que for deixar a criança na creche. **Entrevistada 10:** O valor cobrado para poder ficar perto do meu bebê e conseguir continuar a estudar e amamentar, não tem preço que eu não me esforçasse a pagar.

No início da vida, o bebê depende integralmente da função materna. O que a mãe atual, precisa atualmente, é que também há uma necessidade da mulher, enquanto mãe, de estar perto do filho, mesmo que haja algum adulto que a substitua de forma adequada. Esta colocação levamos a refletir que o contato mãe-bebê é necessário, também, para se respeitar o desejo da mãe de estar junto ao filho, nutrindo o, não apenas de alimento, mas de seu contato e se sentindo também nutrida por ele. Além do fato de que, para que a mãe perceba intuitivamente o que se passa com a criança como nos informa Winnicott (1980), é preciso que ela possa estar próxima do filho, captando suas necessidades físicas e psíquicas.

A creche instaura uma mudança de referenciais, na qual o bebê pode, desde muito cedo, conviver com diversos colegas, de uma relação exclusiva, dá lugar a um contexto múltiplo de interação, onde a mãe continua tendo uma importância vital, mas onde ela agora pode compartilhar o desenvolvimento do seu bebê. (SANTOS; MOURA, 2002).

Desistência dos estudos por falta de creche

Quando foi perguntado as entrevistadas se elas conheciam alguém que precisou trancar a faculdade ou que até o momento não iniciou por não haver com quem deixar seus filhos, todas afirmaram que sim

Entrevistada 1: Diversas amigas, e até eu mesma precisei fazer isto. **Entrevistada 2:** Sim, conheço. **Entrevistada 3:** Sim. **Entrevistada 4:** Sim, uma amiga precisou trancar pois não tinha com quem deixar seu filho. **Entrevistada 5:** Sim, tenho uma amiga que engravidou, e por não ter com quem ficar, até mesmo alguém da sua confiança, ela não pode iniciar a faculdade, pois as creches são apenas diurnas, sendo que ela tem condições financeiras e poderia pagar. **Entrevistada 6:** Sim, aqui no meu prédio tem duas meninas que engravidaram e tiveram que trancar. **Entrevistada 7:** Sim conheço várias pessoas nessa situação. **Entrevistada 8:** Sim, duas amigas desistiram na terceira fase e uma na décima fase. **Entrevistada 9:** Conheço. Já vi vários casos de pessoas próximas a mim até mesmo na família, que precisaram trancar a faculdade para cuidar do bebê e não teve tempo para os estudos, tendo que esperar alguns anos para voltar a estudar. Algumas preferem iniciar a faculdade a distância pois acham melhor. **Entrevistada 10:** Eu conheço muitas mulheres que sonham em começar um curso, que sonham com uma carreira, mas que perderam esta oportunidade quando tiveram seus filhos. Eu me incluo nessa situação. Tenho dois filhos pequenos e moro longe da minha família, não conheço ninguém, seria maravilhoso eu poder ter uma oportunidade de terminar meu curso mesmo sendo mãe, poder realizar meu sonho, tendo a segurança que meus filhos estão bem e perto de mim.

Engravidar transforma a rotina de qualquer mulher. Se a mulher for uma estudante, a maternidade demandará um desafio maior ainda, pois não se trata apenas de ajustar as matérias

aos cuidados da criança, na maior parte das vezes, ela precisa fazer isso sem o apoio da instituição onde estuda.

Embora a Lei 6.202 estabeleça o direito da mãe estudante ao regime domiciliar durante três meses a partir do oitavo mês de gestação (o que significa basicamente estudar à distância ou ter um esquema diferente de entregas de atividades previamente combinado) e garanta o direito da prestação dos exames finais. Na prática, as instituições de ensino não têm políticas claras para essa situação: deixam nas mãos de cada professor o acerto sobre como fazer as atividades de casa e repor as avaliações.

Creches em Universidades seria um benefício, tanto para as mães, como para o Ensino que ganharia mais acadêmicos, e também para os próprios estudantes que teriam um campo a mais de estágio, podendo assim desenvolver projetos de pesquisas em cima disso, e utilizando de técnicas que aprendem em sala de aula, dando uma qualidade a mais em seus respectivos cursos, como por exemplo, psicologia, pedagogia, enfermagem, nutrição, educação física, fisioterapia, odontologia entre outros. (RAUPP, 2004)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a análise apresentada, onde buscava ver a importância de se ter creches universitárias, como um meio facilitador para que mais mulheres concluíssem o ensino superior, os resultados obtidos foram satisfatórios. Nas respostas das entrevistadas gestantes ou as que já são mães, foi unânime a aceitação por um espaço dentro da universidade para deixar seus filhos, aonde todas afirmaram que deixariam seus filhos no período em que se encontrassem em sala de aula.

Desta forma, fica claro, que esse assunto deve-se ser mais discutido e comentado, a fim de levar uma melhor compreensão sobre. Pois muitas mães nunca imaginaram até então uma creche dentro da instituição, e a partir desse estudo, viram como isso facilitaria suas vidas acadêmicas.

Por fim, é importante salientar que todas as entrevistas se sujeitariam a pagar o espaço para deixar seu filho, porque o que importa seria ter seu filho próximo e concluir o ensino superior.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, I. B.S. **A importância do Vínculo mãe- bebê no processo de desenvolvimento de uma criança**, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em 23 de maio 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>>. Acesso em 22 maio. 2017.

COSTA, L. P. **Mães universitárias ainda são 'órfãs' na UFS**. Blog do Contexto Online UFS. Blog do Jornal Laboratório do Departamento de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, 21 maio 2008. Disponível em: <http://blog-contexto-ufs.blogspot.com/2008/05/mes-universitrias-ainda-so-rfs-na-ufs_7495.html>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

DOLTO, F. **No jogo do desejo: ensaios clínicos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

FOGLIATTO, D. **Casos de alunas constrangidas em sala de aula levantam debate sobre creches em universidades**. Publicado em: abril de 2016 Disponível em <http://www.sul21.com.br/jornal/casos-de-alunas-constrangidas-em-sala-de-aula-levantam-debate-sobre-creches-em-universidades/> Acesso em 12 de maio de 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LEBOVICI, S. Diálogo Letícia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In: SILVA, M.C.P. da (Org.). **Ser pai, ser mãe: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Parte 1, cap. 1, p. 21-27.

LEI Nº 6.202, DE 17 DE ABRIL DE 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências.

LOPES, I.P.; VIEIRA, J.J. **Qual a função da creche universitária? As finalidades das unidades universitárias federais de educação infantil ontem e hoje**. 2012.

LOPES, I. P. **O acesso as unidades universitárias federais de educação infantil (UFEI'S):** A escola de educação infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PRIETSCH, S. O. M.; CHICA, D. A. G.; CESAR, J. A.; SASSI, R. A. M. **Gravidez não planejada no extremo Sul do Brasil: prevalência e fatores associados.** Cad. Saúde Pública vol.27 no.10 Rio de Janeiro Oct. 2011.

RAUPP, M. D. **Creches nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas.** In: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 86, p. 197-217, abril, 2004.

SANTOS, F. M. S; MOURA, M. L. S. **A relação mãe-bebê e o processo de entrada na creche: esboços de uma perspectiva sociocultural.** Psicol. cienc. prof. vol.22 no.2 Brasília June 2002

SEBASTIANI, M.T. **Educação infantil: o desafio da qualidade; um estudo da rede municipal de creches em Curitiba.** 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SCHIRMER, J. **Trabalho e maternidade: Qual o custo para s mulheres?** In: OLIVEIRA, E. M. e SCAVONE, L. (orgs). *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização.* Goiânia, A. B. Edit., 1997.

SOIFER, R. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério.** 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas,1992.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento do indivíduo.** Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D.W. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.